

Arte coletiva: um estudo sobre a experiência dos quadrinhos em Belém¹

Ellen Aline da Silva de Sousa²
Marina Ramos Neves de Castro³
Universidade Federal do Pará - UFPA

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo compreender as experiências de colaboração nos coletivos de quadrinhos da cidade de Belém, no Pará. Desse modo, propõe-se evidenciar a produção de HQs por meio da coletividade e como isso interfere na cena cultural e artística na região. Para tal, a metodologia pauta-se na observação-participante, amparada nos pressupostos de Howard Becker (2010) e Michel Maffesoli (1998). A partir das discussões, observa-se que as dinâmicas coletivas entre os quadrinistas constroem redes de socialidade e fortalecem a arte amazônica independente.

PALAVRAS-CHAVE: quadrinhos; coletivos; arte independente; colaboração; socialidade.

INTRODUÇÃO

Este estudo objetiva compreender as experiências de colaboração nos coletivos de quadrinhos de Belém do Pará, procurando evidenciar a sua relação para a criação de HQs e para a cena cultural local. Os coletivos que participam desta pesquisa são: Açaí Pesado, BRT, Kitnet e Serendi, os quais participam ativamente dos movimentos que articulam quadrinhos e artes visuais na capital paraense, como também promovem a produção da nona arte na região.

Para isso, utilizamos o método da observação-participante, uma vez que permite compreender as dinâmicas internas desses coletivos. Além disso, o aporte teórico se ampara nas leituras de Howard Becker em *Mundos da Arte* (2010), que se debruça sobre os contextos sociais colaborativos no fazer artístico, e Michel Maffesoli em *O Tempo das*

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Socialidades, Intersubjetividades e Sensibilidades, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia no ILC-UFPA, email: ellen.sousa@ilc.ufpa.br

³ Docente da Faculdade de Comunicação (ILC/UFPA) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM/UFPA), email: mrndecastro@gmail.com

Tribos (1998), que investiga as formas de socialidade na contemporaneidade. Desse modo, é possível ampliar a discussão sobre as dinâmicas de criação de história em quadrinhos paraenses dentro dos coletivos.

PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa, em andamento, se desenvolve por meio da observação-participante desde setembro de 2024, na qual acompanho os coletivos Açaí Pesado, BRT, Kitnet e Serendi em feiras, reuniões, oficinas e demais eventos voltados para as artes visuais ou para os quadrinhos especificamente. Nesses encontros, é possível notar que os quadrinistas desempenham funções ligadas ao quadrinho em si, como o de roteirista, desenhista e diagramador, mas também atuam em atividades anteriores à criação, como em oficinas e financiamento dos materiais, como ainda em etapas posteriores, que envolvem a confecção, venda e divulgação dos quadrinhos.

A observação-participante, portanto, diz respeito à prática de estar presente nas vivências cotidianas do interlocutor, neste caso, nas atividades que os quadrinistas realizam em conjunto enquanto coletivos. Desse modo, os sentidos emergem através da interação durante o ato de observar, ao qual o pesquisador se compromete a estar atento, “Observando e interpretando as múltiplas interações que se tocam, que se encontram, [...] ocorrendo de formas múltiplas e concomitantes, pode-se compreender as valorações estéticas ali encontradas” (Castro, 2020, p. 303). Assim, esse envolvimento favorece a compreensão das dinâmicas que moldam os coletivos, e permite perceber as narrativas que se constroem junto às práticas artísticas dos quadrinistas.

A COLETIVIDADE NOS QUADRINHOS

Os coletivos de quadrinhos em Belém desempenham um papel ativo no cenário da nona arte na região. Além de estarem diretamente envolvidos na produção de histórias em quadrinhos, esses grupos também se destacam na organização de eventos dedicados ao universo das HQs (Souza; Oliveira, 2019). Acompanhar algumas de suas atividades possibilitou perceber que a ideia de coletividade é um elemento central e estruturante para esses coletivos.

Dentre as diversas atividades necessárias para criar um quadrinho, é preciso que os integrantes desempenhem as funções de editor, roteirista, ilustrador, desenhista,

diagramador e outras mais. Por ter uma linguagem característica que envolve a imagem e a escrita (Postema, 2018), é preciso que os coletivos funcionem como uma rede colaborativa, em que eles próprios se articulem para criar e divulgar suas obras.

Nesse sentido, a perspectiva de produção artística proposta por Becker (2010) se mostra pertinente para pensar os “mundos da arte” dos quadrinhos, visto as suas práticas e organizações específicas. O autor defende que a arte se concretiza a partir de uma rede cooperativa, uma vez que existe uma série de atividades necessárias que engloba todo o processo artístico, desde os materiais usados na criação à exposição da obra: “Os mundos da arte são constituídos por todas as pessoas cujas actividades são necessárias à produção das obras que esse mundo, bem como outros, define como arte” (Becker, 2010, p. 54). Assim, os mundos da arte se referem a um sistema de colaboração que ampara o fazer artístico em todas as suas etapas de preparação, criação e divulgação.

Essa rede cooperativa nos coletivos de quadrinhos torna-se evidente quando notamos que cada membro, geralmente, assume um papel específico, ou mesmo acumula várias funções, se responsabilizando pela elaboração, financiamento, editoração e vendas. No que diz respeito às vendas, é importante ressaltar que é uma atividade que todos desempenham juntos, as quais ocorrem em eventos ocasionais voltados para as artes visuais e quadrinhos, bem como acontecem nas redes sociais dos coletivos.

É importante refletir sobre como essa realidade dos quadrinistas, em particular, é fruto de diversas negligências. Entre as dificuldades vivenciadas estão a falta de apoio institucional, de investimentos direcionados e a inexistência de editais exclusivos para projetos voltados ao universo dos quadrinhos, sendo esse um dos problemas destacados pelos coletivos, pois a ausência de uma categoria específica para inscrição em editais que financiam projetos culturais, obriga-os a competir em categorias mais amplas, como literatura ou multilinguagens.

Embora seja perceptível um ambiente que não propicie condições favoráveis para a produção de quadrinhos, os coletivos atuam se encarregado das demandas necessárias a essas criações, promovendo, assim, a circulação na nona arte na região.

Mesmo que uma ou outras destas actividades não sejam cumpridas, a obra será realizada de outro modo. Mesmo que ninguém aprecie a obra, ela continuará a existir. Mesmo que ninguém apoie a sua realização, ela realizar-se-á sem apoio. Mesmo que uma parte do material necessário não esteja disponível, o trabalho realizar-se-á de outra maneira (Becker, 2010, p. 30).

Certamente, essas lacunas refletem diretamente na obra produzida, podendo inclusive se tornar um aspecto distintivo dos quadrinhos independentes criados pelos coletivos. A ausência de apoio externo não apenas evidencia os desafios enfrentados, mas também exige dos integrantes soluções alternativas para dar continuidade à produção artística. É nesse contexto de adversidade que os coletivos conseguem encontrar outras formas de viabilizar seus projetos, preservando sua autenticidade e fortalecendo a identidade das suas obras.

As dinâmicas de socialidade dos coletivos formam, também, a ideia de pertencimento e de identidade entre os quadrinistas por meio de vínculos afetivos, pois, segundo Maffesoli (1998), “[...] todo conjunto social possui um forte componente de sentimentos vividos em comum. São esses que suscitam essa procura de uma ‘moralidade diferente’, que prefiro chamar de uma experiência ética” (p. 24-25). Desse modo, os sentimentos vividos coletivamente desempenham um papel central na formação de grupos, reafirmando valores compartilhados e os laços entre os integrantes. O autor argumenta que esses grupos são baseadas em afinidades emocionais e estéticas, em vez de estruturas racionais ou institucionais, justamente o que observamos na formação dos coletivos ao escolher e manter seus integrantes.

Maffesoli utiliza também o conceito de aura para se referir a atmosfera emocional que une as pessoas, destacando como essas conexões podem ser efêmeras, mutáveis e se formam no cotidiano. Nesse contexto, “a sensibilidade coletiva, ultrapassando a atomização individual, suscita as condições de possibilidade para uma espécie de ‘aura’ que vai particularizar tal ou qual época [...]” (Maffesoli, 1998, p. 20). Podemos associar essa sensibilidade coletiva aos grupos de quadrinhos no sentido de que estão relacionadas à superação do individual, mas no convívio formados por afinidades e modos próprios, pautados pelos interesses que envolvem os quadrinhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões, podemos compreender que as experiências de produção dos coletivos demonstram os quadrinhos como uma arte coletiva, através da dinâmica de atividades colaborativas que exercem e das interações entre os integrantes. Dessa forma, os coletivos não apenas criam quadrinhos, mas também constroem redes de socialidade e pertencimento que impactam no fazer artístico, fortalecendo a cena sociocultural da

região e reafirmando a importância dos artistas independentes na consolidação de uma arte plural.

Portanto, os coletivos de quadrinhos em Belém representam mais do que um espaço de produção artística; eles simbolizam resistência e criatividade diante das adversidades, contribuindo para a valorização da nona arte na região. Assim, por meio da coletividade, destacamos a importância desses grupos como agentes de transformação do cenário cultural e artístico.

REFERÊNCIAS

BECKER, Howard. **Mundos da Arte**. Tradução de Luís San Payo. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.

CASTRO, Marina Ramos Neves. Etnografia sensorial e experiência sensível: experienciando a carne do mundo. **Amazônica - Revista de Antropologia**, [S.l.], v. 13, n. 1, p. 289 - 310, nov. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/9026>. Acesso em: 19 dez. 2023.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

POSTEMA, Barbara. **Estrutura narrativa nos quadrinhos: construindo sentido a partir de fragmentos**. Tradução de Gisele Rocha. São Paulo: Peirópolis, 2018.

SOUZA, Vince; OLIVEIRA, Otoniel. **Uma breve história do quadrinho paraense**. Belém: Secult/PA, 2019.